
Carmen da Matta

O estabelecimento de texto de *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, consistiu em confrontar a 1ª edição, publicada em 1933 pela editora Maia & Schmidt, com a 25ª, publicada pela José Olympio em 1987. A opção pela 25ª não foi aleatória: trata-se da última edição que teria contado com a aquiescência do autor, ainda em vida.

A primeira edição de um texto clássico serve de parâmetro para restituir a fidedignidade do texto original, já que suas reproduções podem apresentar alterações, sejam estas efetuadas pelo próprio autor, seja por revisores ou mesmo outras resultantes dos processos de produção editorial. Nosso intuito, então, foi detectar se houve modificações no texto original e que significado teriam para releituras de *CG & S*.

A partir desse procedimento comparativo, tem-se a possibilidade de dialogar com pelo menos duas trajetórias: a do autor, que, no decurso das reedições e ciente dos comentários críticos dos leitores, pode reformular algumas idéias iniciais, precisar conceitos, suprimir o que não julgar conveniente; e a do texto em si, que vai sendo atualizado lingüisticamente e adequado a recepções contemporâneas. Como consequência, surge uma terceira via: os respectivos nexos entre as duas primeiras.

Nos prefácios de *CG & S*, o autor vai situando o impacto das recepções: responde às polêmicas, enfrenta seus detratores e cita revisores, provavelmente aqueles que fizeram um trabalho de recomposição técnica, ortográfica e lingüística. Por exemplo, no prefácio da 2ª edição, GF comenta que tentou solucionar problemas que escaparam da primeira versão, visando dar mais clareza à linguagem. Entretanto, essas modificações não alteraram o conteúdo geral da obra nem sua proposta inicial. O texto permanece na íntegra.

Pode-se afirmar, então, com base nas informações de GF, e levando-se em conta o resultado deste estabelecimento, que não houve mudança substancial no conjunto da obra, no que se refere ao conteúdo: a primeira edição de *CG & S* é basicamente idêntica a esta edição agora publicada pela Coleção Archivos, que reproduz a 25^a.

Embora o texto em sua essência permaneça o mesmo, constata-se intervenções, provavelmente feitas por GF, ora precisando, ora reformulando, em outros momentos acrescentando, suprimindo ou alterando conceitos, termos e até mesmo parágrafos inteiros.

Desse modo, foi possível agrupar as intervenções feitas em *CG & S* em blocos que podem ser assim classificados: (a) acréscimos (ou inclusões); (b) supressões; (c) inversões; (d) atualizações e (e) ampliações.

(a) **Acréscimos** – O autor acrescenta uma palavra, uma frase, um parágrafo, uma citação, nome de autores. Acréscimos ao miolo de *CG & S* estão indicados nesta edição, bem como as inclusões de notas.

Os maiores acréscimos se dão nas notas de fim de capítulo. No capítulo I, foram incluídas as notas 27, 55, 66, 137, 161, 178; no capítulo II: 22, 58 e 120; no capítulo III: 10, 55, 138, 139, 140, 141 e 148; no capítulo IV: 9, 21, 43, 147, 169, 183, 211; e no capítulo V: 14, 25, 27, 51, 69, 83, 84, 102, 103, 104, 129, 137. Cada nova referência bibliográfica, ou mesmo menção crítica à obra, é incorporada. E, para não prejudicar a estrutura geral do texto, esse acréscimo vem como nota.

Todavia, o que se torna relevante neste tipo de intervenção é a precisão de conceitos, de dados históricos e, sobretudo, as matizações. Estas consistem no cuidado do autor em atenuar colocações presentes em diversos momentos do texto, em praticamente todos os capítulos. Para ilustrar, retiramos de ambas as edições algumas dessas gradações, para que se possa sentir o efeito de tais mudanças.

A expressão «da incapacidade dos nórdicos» transforma-se em «da *aparente* incapacidade dos nórdicos», quando o autor comenta a dificuldade de adaptação dos mesmos ao clima tropical; «gente nua e à-toa» passa para «gente *quase* nua e à-toa», sobre o choque do europeu diante de um outro tão diverso; e «a origem africana» passa para «a *possível* origem africana», manifestando uma postura de precaução do autor diante de um dado histórico [grifos nossos].

Este cuidado conceitual torna-se mais evidente na seguinte passagem do capítulo II: «Sabe-se, com efeito, que entre os primitivos os órgãos genitais apresentam-se em geral menos desenvolvidos que entre os civilizados [...]», que será substituída pela versão: «*Segundo alguns observadores, entre certos grupos de gente de cor os órgãos genitais apresentam-se em geral menos desenvolvidos que entre os brancos [...]*». Com esta variação de termos, o autor torna-se mais plausível,

menos afirmativo, evitando questões problemáticas, tais como as que insinua na primeira proposição, de que o negro inclui-se na categoria «primitivos», e dissolvendo a idéia de que somente o branco seria «civilizado» [grifos nossos].

Mais um exemplo denotativo desse processo de matização tem-se quando GF comenta aspectos relacionados à homossexualidade: «O homem invertido, sabe-se que é um indivíduo à procura de sensações e atividades criadoras e dolorosas que lhe substituam as impossíveis de feminilidade e maternidade [...]» transforma-se em: «O homem invertido, sabe-se que é às vezes um indivíduo [...]» [grifos nossos]. E, nas seguintes passagens sobre o comportamento desses indivíduos, que o autor qualifica como introvertidos: «[...] a alquimia representa o desejo dos introvertidos de se compensarem da introversão [...]» e «Sabe-se também que em certas doenças, como a tuberculose e a prisão de ventre, o introvertido encontra prazer ou compensação» recebem expressões que impedem uma generalização precipitada, quais sejam: «[...] a alquimia *teria representado* o desejo de se compensarem *alguns indivíduos* da introversão [...]» e «[...] *alguns introvertidos parecem* encontrar prazer ou compensação» [grifos nossos]. São feitas, ainda, sutis alterações, como é o caso da pluralização dos termos, que, apesar de tênues, evitam que o autor incorra no erro de tornar comum a todos o que seria característico somente a alguns indivíduos.

No capítulo III, há acréscimo de uma oração que objetiva elucidar o ponto de vista de GF no que tange ao enfoque prioritariamente social da colonização portuguesa: «Não nos interessa, porém, senão indiretamente, neste ensaio, o aspecto econômico ou político da colonização portuguesa do Brasil. Diretamente, só nos interessa o social, *no sentido particular de social que coincide com o sociológico*» [grifos nossos].

Nessa mesma perspectiva, o acréscimo grifado em: «o índio ficou logo no segundo plano. Achatado na sua inferioridade cultural. Inútil e incapaz, *dentro do sistema de colonização que ia criar a economia brasileira*» evita um tratamento pejorativo do índio, no que se refere à sua inadaptabilidade ao sistema agrário brasileiro [grifos nossos].

Estas e outras variações são incorporadas à redação original e abrangem todos os capítulos do livro. Os trechos acima ilustram bem o movimento cauteloso de GF no sentido de promover alterações que possam precisar conceitos, evitar que temas polêmicos dêem margem a interpretações problemáticas e preconceituosas e incluir termos que atenuem generalizações.

(b) **Supressões** – O autor suprime palavras, orações, períodos, citações, nomes, aspas e referências ao que antes era um conceito recente, mas que mais tarde fora incorporado, tornando-se termo habitual, com conteúdo introjetado pelas ciências.

No capítulo II, quando GF comenta a dualidade existente até então em nossa língua portuguesa, entre a fala culta e a popular, tem-se uma supressão curiosa:

«– os Bandeira, os Mario de Andrade, os Amando Fontes, os Jorge Amado, os Yan Prado, os Schmidt, os Oswald de Andrade, os Carlos Drummond, os Lins do Rego, os Ribeiro Couto, os Murillo Mendes, os Antonio de Alcantara Machado–». Para o autor, este grupo de escritores – personalidades representativas do panorama literário nacional da década de 1930 – estariam promovendo uma mudança na linguagem escrita com a incorporação de um vocabulário mais corrente, menos bacharelesco. Porém, esta exclusão nos remete a indagações: teria tido GF receio de não incluir algum nome? Por que retirar de sua obra a menção a esses escritores tão importantes dentro contexto sociocultural brasileiro?

Existem outras ocorrências de supressões que exigem conhecimento específico para elucidar os propósitos de GF. Verificam-se cortes de certos períodos no capítulo III – voltado para o estudo da origem do modelo de colonização do português – que mereceriam uma atenção dos estudiosos para precisar seu caráter. Listamos pelo menos dois cortes que pareceram interessantes. São eles: «A sociedade portuguesa, tanto do ponto de vista genético como do social e econômico, oferece-nos exemplo magnífico, através de sua formação, do processo de mobilidade vertical e horizontal de que fala Sorokin»; e «Daí o erro, como observa Mário Sá, dos que pretendem aplicar a Portugal o critério, possível em outros países da Europa, de discriminar judeus de cristão por apelido: “a verdade é que eles usam todos os nomes de que usaram os cristãos suevos e godos; se até há judeus chamados Godinhos!”» É certo, entretanto, que GF retrabalhou muitas outras informações e conceitos nas notas de fim de capítulo.

A supressão efetuada na parte em que GF analisa a estada dos holandeses no Nordeste – «circunstância que explica, juntamente com o fato de não terem triunfado social e economicamente, a insignificância de sua descendência» – constitui, possivelmente, uma medida de precaução em relação aos descendentes desse povo no Brasil.

(c) **Inversões** – Este procedimento é o que inverte a ordem dos termos. Chamou nossa atenção a quantidade de inversão do termo «moral». São numerosas as passagens em que ele vem posterior a outros na 1ª edição e, nesta, vem em primeiro plano. Têm-se, então, as expressões constantes na 1ª edição redigidas da seguinte maneira: «rigidez doutrinária e *morab*», «valores materiais e *morais*», «regime social e *morab*», «cultura religiosa e *morab*», «atividade religiosa e *morab*» etc. Nesta edição, porém, o adjetivo «moral» ficará sempre em primeiro lugar: «rigidez *moral* e doutrinária» e assim sucessivamente [grifos nossos].

Um tipo de modificação freqüente, e que não saberíamos afirmar se foi de iniciativa de GF ou dos revisores de *CG&S*, é a inversão da ordem indireta das orações para a ordem direta. Isto acontece em várias situações textuais, proporcionando uma leitura mais fluente. Trechos como estes: «Como salienta Payne [...]» ou «Observa Sylvio Romero [...]» transformaram-se em «Como Payne salienta»

e «Sylvio Romero observa», respectivamente. Não será indicado este tipo de inversão nesta edição por não alterar o sentido da construção frasal.

(d) **Atualizações** – Referem-se à linguagem, mais especificamente à ortografia e à acentuação de palavras, de acordo com as reformas sucedidas na língua portuguesa, tornando o texto fundamentalmente idêntico ao português utilizado atualmente. Incluem-se também neste item nomes de autores, que passam para a grafia mais atual.

Este procedimento merece um comentário. A quarta edição de *CG & S* contou com a revisão de Adalardo Cunha e Aurélio Buarque de Holanda, que certamente solucionaram muitas questões ligadas à ortografia e à linguagem em geral, dando mais leveza a um texto fluente e acessível desde a primeira edição, que contou com a revisão de Manuel Bandeira. Fluência, aliás, geradora de muita controvérsia, como comenta o próprio GF em «Como e porque escrevi *Casa-grande & senzala*», respondendo às críticas a uma escrita considerada «chula».

O autor esclarece, contudo, que não lhe faltou erudição: desde a infância contou com a influência de uma figura paterna de sólida formação, culta e humanista, convivendo intimamente com os clássicos, tanto de língua portuguesa quanto de línguas latinas. Sua intenção, sobretudo antropológica – mas também literária –, era registrar e «assimilar valores e ritmos assim clássicos ao seu modo».

Em uma outra dimensão, essa dinâmica envolve as notas de fim de capítulos. Gilberto Freyre foi extremamente meticuloso nas reedições de *CG & S* no que tange às notas: o autor atualiza datas, títulos de obras, nomes dos autores, inclui referências diversas, de editoras, de cidades, de anos, de páginas, complementando as lacunas e os dados que faltaram na 1ª edição.

(e) **Ampliações** – Como no item anterior, estas intervenções estão vinculadas majoritariamente às notas de fim de capítulos. Quase a totalidade delas é ampliada com novas informações teóricas e referências de obras e autores. Há ampliações de notas que continham parágrafos curtos na 1ª edição e que passam a conter longos trechos na 25ª. É o caso das notas do capítulo I: 74, 77, 89, 96, 113, 170; do capítulo II: 12, 23, 159 e 217; do capítulo III: 85, 88 e 137; do capítulo IV: 4, 7, 10, 15, 20, 23, 24, 25, 26, 35, 39, 42, 46, 50, 51, 53, 60, 63, 65, 76, 77, 82, 86, 89, 95, 107, 124, 125, 127, 134, 138, 139, 151, 155, 156, 167, 175, 182, 201, 205, 206, 214, 230, 231 e 233; e do capítulo V: 22, 44, 47, 48, 51, 53, 91, 100, 112, 116, 123. É significativa a quantidade de ampliações feitas ao capítulo IV, que trata justamente da influência sexual do negro na formação da família brasileira.

Avaliamos que esse conjunto de modificações desempenha papel relevante em *Casa-grande & senzala*, não no sentido de alterar o conteúdo geral da obra,

como já o dissemos, mas sim de precisar noções e incluir inovações teóricas. Quanto às notas, o elevado número de ampliações evidencia a existência de autênticos microtextos no interior de um macrotexto.

Essas transformações em *CG&S* sugerem que as certezas ideológicas da mocidade vão sofrendo nuances que se traduzem no texto por acréscimos, substituições, supressões de expressões, que se integram mais ao campo semântico da ponderação, das possibilidades, da plausibilidade. Algumas afirmações perdem seu caráter peremptório, o que demonstra que com o decorrer dos anos houve uma interlocução de Gilberto Freyre com seu texto e as modificações a que procedeu podem ser consideradas uma tentativa de rever aspectos incertos.

Gilberto Freyre trava um diálogo não somente com sua obra, mas igualmente com autores, incorporando novos pontos de vista, tanto os favoráveis quanto os que «tensionam» seu pensamento. Não é um movimento meramente legitimador, mas essencialmente de intercâmbio de representações discursivas.